

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O OLHARES DO MEDITERRÂNEO – WOMEN’S FILM
FESTIVAL

7 de novembro de 2024

3000 LAYLA / 2015

(“3000 Noites”)

Um filme de Mai Masri

Realização e Argumento: Mai Masri / Produção: Mai Masri, Sabine Sidawi-Hamdan, Charlotte Uzu / Coprodução: Rami Yasin, Ossama Bawardi / Direção de Fotografia: Gilles Porte / Montagem: Michèle Tyan / Música: Sharif Sehnaoui / Casting: Salim Abu Jabal, Najwa Mubarki / Design de Produção: Hussein Baydoun / Guarda-roupa: Hamada Atallah / Interpretações: Maisa Abd Elhadi (Layal Asfour), Nadira Omran (Sanaa), Rakeen Saad (Jamileh), Raida Adon (Shulamit), Abeer Zeibak Haddad (Hava), Anaheed Fayyad (Rihan), Hana Chamoun (Fidaa), Izabel Ramadan (Ruti), Karim Saleh (Ayman), Annemarie Jacir (presidiária) / Cópia: DCP, cor, falado em árabe com legendas em inglês e legendagem eletrônica em português / Duração: 109 minutos / Estreia Mundial: 12 de setembro de 2015, Toronto International Film Festival / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira passagem na Cinemateca.

Com a presença de Carlos Almeida e Dima Mohammed.

Dos milhares de histórias que podia contar neste filme, a realizadora Mai Masri escolheu a da personagem ficcional Layal Asfour, uma professora primária condenada à pena de oito anos de prisão, tendo ainda de enfrentar o drama de ser mãe durante o cativeiro. Nascida na Jordânia e com nacionalidade palestina e norte-americana, e ainda responsável por uma obra significativa centrada nas regiões (e na causa libertária) da Palestina, Masri é implacável a filmar as agruras desta mãe entregue a uma tortura diária, praticada pelas guardas e administradora da prisão, mas também instigada por algumas presidiárias não árabes. Neste “women in prison film” a sociedade dilacerada do Médio Oriente é posta em cena entre as grades e os muros de uma prisão onde cumplicidades se conquistam a muito custo perante a barbárie cometida lá fora, e transmitida pela única televisão disponível, na cantina, aquando da invasão do Líbano por Israel em 1982.

Esta é uma “cidade do inferno”, para citar o intenso drama presidiário de Renato Castellani, protagonizado por Anna Magnani e Giulietta Masina. A sobrevivência faz-se na união destas mulheres, mesmo entre árabes e judias, como ilustra a história de Shulamit, salva pela mãe árabe injustamente condenada para, *a posteriori*, lhe ser retribuído o favor com um pacto de aliança e, de algum modo, uma forma de entendimento muito difícil de quebrar: a da amizade. O filme organiza-se, em traço grosso, entre a descoberta da gravidez, a decisão relativa ao nascimento do pequeno Nour contra tudo e todos (inclusive o pai, que, em liberdade e impotente, ganha distância sobre a relação com Layal) e, por fim, a rebelião de todas as mulheres num motim que terá consequências devastadoras, e que é espoletada pelas condições terríveis da cadeia e as injustiças cometidas “lá fora”, durante o massacre de famílias libanesas, uma conjuntura muito complicada que coincide com a separação, imposta pela administração da cadeia, de Layal e do seu filho.

Trata-se de uma obra, de inspiração neorrealista, mas com uma pulsão dramática ou até melodramática mais própria de outros cineastas italianos, como o citado Castellani e, ainda mais, Raffaello Matarazzo, uma gramática que hoje talvez associemos às das novelas da televisão. Cada

episódio desta história parece visar e acentuar o ódio ao inimigo israelita e pouco ou nenhum espaço é deixado ao tempo, à dureza da pena que Layla estoicamente cumpre, durante 3000 noites. O bloco final procura comprimir poeticamente os anos de isolamento e solidão na penitenciária. Nesse sentido, é belo o *freeze-frame* conclusivo da ficção, seguido por imagens e estatísticas da situação de várias famílias bem reais a (sobre)viver no Médio Oriente, algumas delas – como a de Layal – cindidas por condenações cegas e injustas. Masri congela no tempo uma imagem, que ressoa (e)ternamente e que serve de bandeira ao amor de uma mãe pelo seu filho, no momento em que, à porta da prisão, uma libertada Layal abraça de novo o já-não-tão-pequeno-assim Nour. Uma imagem que contraria a lei das balas e os limites impostos pelas barreiras de arame farpado, que impõem distâncias insanáveis e muito dolorosas entre seres humanos que respiram, sonham e amam como quaisquer outros. O “grito de resistência” mais poderoso, e subtil, fica, assim, reservado para estes instantes finais.

Luís Mendonça